

Boa Nova para cada dia / maio 2018

Gonçalo Miller Guerra, s.j. (Semanas)

Marco Cunha, s.j. (Domingos e Dias Santos)

Tempo Pascal – *Ascensão do Senhor / Pentecostes*

Tempo Comum – *Santíssima Trindade / Santíssimo Corpo e Sangue de Cristo*

Ter, 1 – SEMANA V DO TEMPO PASCAL

At 14, 19-28 / Slm 144 (145), 10-11.12-13ab.21 / Jo 14, 27-31

Se me amásseis, ficariéis contentes por Eu ir para o Pai. (Evang.)

O que Jesus quer dizer é que, por baixo de todo o sofrimento e lágrimas que a morte de alguém nos causa, devemos estar conscientes de que essa pessoa vai para o colo do Pai. E que o devemos saber com o coração. Nesse sentido, ficamos a um tempo tristes e contentes. Quando alguém que nos é próximo ressuscitar, lembremo-nos disso. Com esse objetivo, hoje rezemos sobre isso.

Qua, 2 – SANTO ATANÁSIO (Memória)

At 15, 1-6 / Slm 121 (122), 1-5 / Jo 15, 1-8

O ramo não pode dar fruto por si mesmo. (Evang.)

É um exercício de humildade termos consciência de que não damos fruto sozinhos, desligados da videira. Hoje aprofundemos essa realidade rezando sobre o facto de não darmos fruto sem amor pois Deus é amor – e não há fruto (divino) fora do amor.

Qui, 3 – S. FILIPE E S. TIAGO, Apóstolos (Festa)

1 Cor 15, 1-8 / Slm 18 A (19 A), 2-5 / Jo 14, 6-14

Eu sou o caminho, a verdade e a vida. (Evang.)

Só Jesus é a vida. O que é que isso quer dizer? Que fora de Jesus não há vida. Não? Mas nós temos uma vida. Todos nós temos uma vida. Sim, mas não deve – não pode – ser independente da de Jesus. Tem de seguir a que Jesus nos mostra nos Evangelhos. Tem

de seguir as características da vida de Jesus nos Evangelhos. O leitor sabe quais são?

Sex, 4 – SEMANA V DO TEMPO PASCAL / 1ª SEXTA-FEIRA

At 15, 22-31 / Slm 56 (57), 8-9.10-11 / Jo 15, 12-17

Que vos ameis uns aos outros, como Eu vos amei. (Evang.)

E como é que o vamos fazer? Primeiro, temos de olhar para a maneira como Jesus nos ama: sem limites. Depois, aplicar isso às pessoas com quem nos damos. Mas não podemos amar toda a gente sem limites. Para toda a gente, o nosso amor tem limites. Mas podemos amar «o mais que conseguirmos». Isso é, para nós, o «não ter limites.» O leitor faz isso?

Sáb, 5 – SEMANA V DO TEMPO PASCAL / 1º SÁBADO

At 16, 1-10 / Slm 99 (100), 2.3.5 / Jo 15, 18-21

Servi o Senhor com alegria. (Salmo)

Mas Jesus diz-nos que já não nos chama servos mas amigos, porque o servo não sabe o que faz o seu senhor (cf. Jo 15, 15). É como se o servo não tivesse a capacidade de se meter dentro da cabeça do seu senhor. Esforcemo-nos por ter empatia com Jesus. Rezemos por isso.

Dom, 6 – Domingo VI da Páscoa – Ano B

At 10, 25-26.34-35.44-48 / Slm 97 (98), 1.2-4 / 1 Jo 4, 7-10 ou 1 Jo 4, 11-16 / Jo 15, 9-17 ou Jo 17, 11b-19

No Domingo passado víamos como o Senhor Se identifica como sendo a *verdadeira videira* da qual *nós somos os ramos*. Esta metáfora muito rica fala da união profunda entre o Senhor e cada um de nós e também da união entre todos aqueles que

aderem a Cristo: somos *ramos da mesma videira, membros do mesmo corpo*, parte uns dos outros.

Depois desta metáfora que nos apresenta Jesus como a Videira e depois de nos anunciar que a nossa vida depende da ligação ao tronco que Ele é, ago-

ra o Senhor diz-nos que a consequência de sermos um ramo da videira que Ele é, isto é, a consequência de vivermos em Cristo, é *amarmo-nos uns aos outros com o mesmo amor com que Ele nos ama*. É a mesma seiva que atravessa o tronco e os ramos e nós somos chamados a viver *em Cristo*. É este o mandamento do Senhor: que nos amemos uns aos outros do mesmo modo como Ele nos ama.

Somos chamados a *permanecer* no amor, a fazer do amor de Cristo a nossa morada permanente, a fazer d'Ele a nossa casa. E nós estamos «em casa» ali onde está o nosso coração, estamos «em casa» quando estamos com aqueles que amamos e nos amam. Viver *em Cristo* não é uma espécie de sentimento vago de afeto, não é simplesmente gostar muito de Jesus nem uma espécie de iluminação intelectual: é a vida concreta gasta por amor pelos irmãos e pelas irmãs e o amor está mais nos atos do que nos sentimentos e nas palavras.

Estamos aqui no ápice da revelação de Deus como Amor: o Amor, total e absoluto, do Pai pelo Filho é o mesmo Amor, total e absoluto, com que o Filho

nos ama e é exatamente desse Amor que Jesus está a falar quando nos dá o mandamento de nos amarmos uns aos outros. É neste Amor, total e absoluto, que somos chamados a permanecer, isto é, a morar, a fazer d'Ele a nossa casa. E como fazemos para morar nesse Amor? Jesus responde: *se guardarmos os seus mandamentos*. «Mas quais mandamentos?», poderíamos perguntar. *Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo*, responde o Senhor. Viver no seu amor vê-se no modo como amamos os que estão à nossa volta. É pelo modo como amamos que se vê se passámos da morte à vida, porque quem não ama está desligado da linfa vital, da seiva que corre do tronco para os ramos, que em Cristo é o Amor: quem não ama está morto.

O Senhor escolheu-nos para darmos os frutos do amor, para sermos enviados a amar! Este é o fruto distintivo daqueles que permanecem n'Ele. É a vida, no modo como se manifesta nos nossos relacionamentos com os outros, seja em casa, no trabalho, na igreja ou com os amigos, que diz que estamos em Cristo. Somos en-

viados a revelar o Amor através do modo como nos relacionamos com os outros. Esta é a missão da Igreja no mundo, esta é a nossa missão! Viver amando de modo que aqueles que olham para nós, discípulos de Cristo, membros da sua Igreja, encontrem a beleza que, no fundo, todos procura-

mos, a beleza do Amor, a *beleza que salvará o mundo*.

A nossa missão no mundo – sermos cristãos e anunciarmos que o Reino está próximo – não vai lá com palavras, mas com a vida. Jesus diz: *quem Me vê, vê o Pai*. Que os outros, quando olham para nós, possam ver o rosto de Cristo.

Seg, 7 – SEMANA VI DO TEMPO PASCAL

At 16, 11-15 / Slm 149, 1-6.9 / Jo 15, 26 – 16, 4

Quando vier o Paráclito (...) Ele dará testemunho de Mim. (Evang.)

Ele nos ensinará quem é Jesus. Sejamos-Lhe submissos. Estejamos atentos a Ele porque Ele nos ensinará como é que Jesus agiria nesta situação por que estamos a passar. Não será uma coisa mágica. Não ouviremos nada. Mas, aos poucos, a nossa sensibilidade ir-se-á afinando cada vez mais. Rezemos ao Espírito Santo por esta intenção.

Ter, 8 – SEMANA VI DO TEMPO PASCAL

At 16, 22-34 / Slm 137 (138), 1-2a.2bc-3.7c-8 / Jo 16, 5-11

Quando Ele [o Espírito Santo] vier, convencerá o mundo. (Evang.)

Na verdade, a Igreja cresceu até à dimensão que tem hoje depois da vinda do Espírito Santo, enquanto antes deste acontecimento os apóstolos estavam escondidos com medo. Nós não estamos escondidos com medo, mas será que deixamos o Espírito Santo atuar dentro de nós? Deixaremos Ele expandir-se, irradiar? Tentemos irradiar força, alegria e luz.

Qua, 9 – SEMANA VI DO TEMPO PASCAL

At 17, 15.22 – 18, 1 / Slm 148, 1-2.11-12ab.12bc-14a.14bcd / Jo 16, 12-15

Ele vos guiará para a verdade plena. (Evang.)

O Espírito Santo é a nossa luz para a verdade plena. Jesus também veio como uma luz para nós. Além disso, Jesus também nos veio revelar o Pai que, por sua vez, nos mandou o seu Filho e atua através d'Ele. O Pai dá-nos o seu Filho. O Filho fala-nos do Pai. O Espírito Santo fala-nos dos dois, uma espécie de repetição-explicação divina, e guia-nos. Todos nos falamos de todos e de cada um. Daí que, como eu já tenho sugerido, possamos rezar a qualquer das pessoas da Santíssima Trindade. O leitor experimente.

Qui, 10 – SEMANA VI DO TEMPO PASCAL

At 18, 1-8 / Slm 97 (98), 1.2-3ab.3cd-4 / Jo 16, 16-20

Os confins da terra puderam ver a salvação do nosso Deus. (Salmo)

O texto deste salmo é dedicado à grandeza do Deus de Israel, grandeza essa que atinge todos os povos. Depois, Jesus vem dizer-nos que a salvação é individual e não de «povos». E embora uma pessoa possa esperar ser salva, tem de dar o seu melhor. Muito simplesmente porque não dar é pecar; traz mal ao mundo. O leitor reze para saber como há de dar o seu melhor, sem ansiedade.

Sex, 11 – SEMANA VI DO TEMPO PASCAL

At 18, 9-18 / Slm 46 (47), 2-3.4-5.6-7 / Jo 16, 20-23a

Chorareis e lamentar-vos-eis, enquanto o mundo se alegrará. (Evang.)

Mas temos uma vantagem em relação ao «mundo»: damos um sentido redentor ao sofrimento, enquanto para o mundo o sofrimento não tem sentido. O mundo não sabe levar o sofrimento que advém de uma doença, de uma catástrofe. Nós estamos em muito melhor posição. Meditemos nisso e agradeçamo-lo a Deus.

Sáb, 12 – SEMANA VI DO TEMPO PASCAL

At 18, 23-28 / Slm 46 (47), 2-3.8-9.10 / Jo 16, 23b-28

Tudo o que pedirdes ao Pai em meu nome, Ele vo-lo dará. (Evang.)

Quer dizer que podemos rezar diretamente ao Pai, sem estar sempre a rezar a Cristo, caminho para o Pai. Aí desenvolvemos o nosso espírito filial e, por osmose, o nosso espírito paternal em relação às outras pessoas, o que é importante. O leitor reze pelas pessoas em relação às quais acha que deve ter espírito paternal.

Dom, 13 – Ascensão do Senhor – Ano B

At 1, 1-11 / Slm 46 (47), 2-3.6-9 / Ef 1, 17-23 ou Ef 4, 1-13 / Mc 16, 15-20

Dia Mundial dos Meios de Comunicação Social

A solenidade que hoje celebramos, a Ascensão do Senhor, oferece-nos uma imagem que nos poderá confundir: se não estivermos atentos, até podemos pensar que Jesus Cristo é uma espécie de socorrista que desce dos céus de helicóptero! Quando alguém tem um acidente e está ferido num lugar inacessível, numa montanha, por exemplo, os socorristas vão lá de helicóptero, descem uma corda, seguram a pessoa a si mesmos e salvam a pessoa ferida. Poderíamos pensar que, de algum modo, é assim a vida de Cristo: Ele desce do alto dos céus, resgata a humanidade ferida e eleva-a com Ele aos céus, curando-a. Pode até ser uma imagem simpática, mas não é bem assim. Na verdade, na Ascensão todos nós somos enviados, recebendo a nossa missão.

Jesus, elevando-Se no céu, não

Se afasta de nós, mas dá-nos a certeza de que estará sempre connosco, sempre a caminhar ao nosso lado, tal como acontece com os discípulos de Emaús. Será sempre o peregrino que caminha ao nosso lado. Certo, a sua presença agora não é uma presença física, como aquela que os discípulos experimentaram. Ele partiu, mas, como Ele mesmo nos disse, é bom para nós que Ele parta porque assim pode vir o Paráclito, que é o Espírito Santo.

Se durante a vida terrena poderíamos até estar com Jesus, agora Ele está *em* nós. Antes poderíamos ver o seu rosto, agora o nosso rosto pode transfigurar-se e podemos ser presença de Cristo no mundo. Na Ascensão de Jesus ao Céu podemos ver o sentido de toda a história da humanidade, podemos contemplar o sentido da

nossa vida: o mundo, que vem de Deus, regressa a Deus. Ele, Jesus Cristo, é o Primogénito, a cabeça do corpo, e por onde passa a cabeça passará também todo o corpo com todos os seus membros que somos nós. Ele abre a porta para que todo o universo possa ser assumido no seu corpo. «Porque foi n'Ele que todas as coisas foram criadas», diz S. Paulo, tudo subsiste n'Ele e fora de Cristo nada pode subsistir. Em certo sentido, a *Ascensão* ainda não terminou: a cabeça já foi «*dada à luz*», já nasceu para a sua existência definitiva, mas o corpo ainda não completamente.

Cristo nem nos abandona à nossa sorte nem nos resgata à força, como faz o socorrista que desce de um helicóptero para nos salvar. Ele quer fazer de nós homens e mulheres livres. Seria muito mais fácil para Ele «forçar» a nossa salvação, mas Ele parte para que O possamos seguir livremente na nossa vida. Que grande sinal de Amor! Prefere o risco de ser rejeitado do que diminuir a nossa liberdade. O caminho que todos somos chamados a percorrer, isto é, o sentido da nossa vida, é o encontro com o Senhor que faz de nós homens e mulheres verdadeiramente livres.

Seg, 14 - S. MATIAS, Apóstolo (Festa)

At 1, 15-17.20-26 / Slm 112 (113), 1-8 / Jo 15, 9-17

Vós sois meus amigos, se fizerdes o que Eu vos mando. (Evang.)

Pessoas há que passam a vida sem fazer um pecado que ofenda gravemente a Deus. Supõe-se que os pecados por omissão estão incluídos aqui. Mas nós, pessoas normais, temos de ter atenção com o que não fazemos. Com o que ainda não fazemos, com o que deixámos de fazer, com aquela coisa que devíamos fazer, que nos mói há muito e ainda não fizemos. Peçamos forças a Deus.

Ter, 15 - SEMANA VII DO TEMPO PASCAL

At 20, 17-27 / Slm 67 (68), 10-11.20-21 / Jo 17, 1-11

Ele dê a vida eterna a todos os que Lhe confiaste. (Evang.)

A vida eterna que os ressuscitados já gozam e para a qual nós havemos de ressuscitar um dia é o elo comum de todos (nós) os que estão unidos às pessoas que estão no Purgatório e no Céu através da Comunhão dos Santos, isto é, através da comunhão – da união – de todos os batizados na Terra e de todas as pessoas que estão no Purgatório e no Céu. Isto deve alegrar-nos muito quando um ente querido morre e ressuscita.

Qua, 16 – SEMANA VII DO TEMPO PASCAL

At 20, 28-38 / Slm 67 (68), 29-30.33-35a.35b-36c / Jo 17, 11b-19

Guardai-os e nenhum deles se perdeu. (Evang.)

Nesta frase, Jesus refere-Se à vida eterna. Mas nós temos à nossa responsabilidade pessoas que caem sob a alçada do segundo mandamento: amar os outros como a si mesmo. Temos de amar as pessoas à nossa volta e de nos amar, também. Às vezes custa, às vezes estamos muito cansados, às vezes só queríamos que nos deixassem em paz. Peçamos a Deus forças.

Qui, 17 – SEMANA VII DO TEMPO PASCAL

At 22, 30; 23, 6-11 / Slm 15 (16), 1-2a.5.7-8.9-10.11 / Jo 17, 20-26

Para que o amor com que Me amaste esteja neles. (Evang.)

Jesus quer que sejamos amados com o amor com que o Pai nos ama. Um amor de Pai para filho. Porque nós também somos filhos. É Jesus que nos traz o Pai e é Jesus que nos leva ao Pai, se bem que Jesus também nos diga que o Pai nos ama diretamente. E Jesus dá-nos o Espírito Santo. Nós também, entre os nossos amigos, podíamos ser facilitadores de pontes. Mãos à obra.

Sex, 18 – SEMANA VII DO TEMPO PASCAL

At 25, 13b-21 / Slm 102 (103), 1-2.11-12.19-20ab / Jo 21, 15-19

Mas quando fores mais velho... outro... te levará para onde não queres. (Evang.)

Às vezes somos levados para onde não queremos e o que temos a fazer é pormo-nos nas mãos de Deus. Recentemente, tive duas

situações ligadas com avarias de computadores que afetaram bastante os meus escritos e umas conferências que tinha de dar, mas Deus auxiliou-me muito através do amor das pessoas, que é amor que vem de Deus, como Deus ajudou S. Pedro. Habituemo-nos a pôr-nos nas mãos de Deus nas situações mais tensas do nosso dia a dia. O leitor reze por isso.

Sáb, 19 – SEMANA VII DO TEMPO PASCAL

At 28, 16-20.30-31 / Slm 10 (11), 4.5.7 / Jo 21, 20-25

Viu que o seguia o discípulo predileto de Jesus. (Evang.)

Parece que Jesus tinha um predileto. E no Céu, também haverá prediletos? Eu acho que no Céu vamos ser todos prediletos, porque Deus ama infinitamente cada um de nós, individualmente. E, naturalmente, já aqui na terra nós somos totalmente amados por Deus. O amor de Deus não se divide, como o tempo de uma pessoa se divide por aqueles que ela ama. Hoje meditemos nesta realidade.

Dom, 20 – Domingo de Pentecostes – Ano B

At 2, 1-11 / Slm 103 (104), 1ab.24c.29bc-31.34 / 1 Cor 12, 3b-7.12-13 ou Gal 5, 16-25 / Jo 20, 19-23 ou Jo 15, 26-27; 16, 12-15

«Rei celeste, Consolador, Espírito da Verdade vem habitar em mim!». Assim começam as ações litúrgicas dos nossos irmãos cristãos do Oriente. Estão conscientes que a graça vem de Deus, mas não desejam que esta desça como um simples hóspede muito querido que nos vem visitar e depois regressa a sua casa. O Espírito vem habitar dentro de nós, tem morada permanente em nós.

S. Basílio, um santo da antiguidade cristã, utiliza uma expressão curiosa, dizendo que o Espírito Santo Se torna na nossa «forma», isto é, Ele dá forma à nossa vida. Outra expressão semelhante refere-se ao Espírito Santo como sendo a «Alma da nossa alma». Isto significa que Ele faz parte daquilo que nós somos, «mais íntimo de mim que eu mesmo».

A Solenidade que hoje cele-

bramos, o Pentecostes, em ligação com todas as festas pascaís, mostra-nos o ápice do ano litúrgico. Mais: mostra-nos o ponto mais elevado da criação, da encarnação e da redenção: somos habitados pelo Espírito Santo. O Senhor ressuscitado subiu aos céus, mas não nos abandona à nossa sorte: envia-nos o seu Espírito, o Espírito Santo. Interessante notar que, no Antigo Testamento, no livro do Génesis, vemos como Deus sopra sobre o barro e Adão é criado; agora, no Pentecostes, o Senhor sopra sobre homens e mulheres e a Igreja é criada. É destes homens e mulheres, reunidos no cenáculo, habitados pelo Espírito Santo, é da comunidade que brota a Igreja.

A alegria e a tristeza estão na base das nossas ações. Quando estamos tristes, ou não fazemos nada porque não temos força para nada ou o que fazemos não é bom. Mas quando estamos felizes e nos sentimos alegres, então as nossas ações são boas, somos uma presença positiva para os outros e à nossa volta tudo floresce. A alegria do Senhor é a nossa força, é a força da vida nova no Amor, habitados pelo Espírito Santo. Os

discípulos estavam fechados, com as portas trancadas, com um medo irracional que lhes fizessem o mesmo que fizeram a Jesus. Como quase todos os medos, este era um medo improvável, mas nem por isso era menos real. O medo tem esta força de nos fechar aos outros e fazer do nosso coração um lugar fechado. Recordemo-nos que o Cenáculo, lugar onde estão fechados por causa do medo, é o mesmo sítio onde o Senhor nos deu o Pão e o Vinho, seu Corpo e Sangue. Quando estamos tristes e com medo, nada faz sentido, tudo é ameaçador. É neste momento de medo e dor, em que nada parece fazer sentido, que o Senhor Se faz presente. Ele está sempre presente na nossa vida e também nos momentos de medo, quando tudo parece escuro e ameaçador. Ele entra no mais profundo do nosso ser e dá-nos o dom da sua paz. Encontrar o Ressuscitado na nossa vida leva-nos à Alegria e a dar frutos de paz. Estes são sinais da sua presença.

Quando os discípulos viram a mão e o lado de Jesus encheram-se de alegria. É esta alegria no Senhor que se torna missão para os discípulos de Jesus. So-

mos, por isso, todos nós enviados, tal como Jesus foi enviado pelo Pai, a anunciar que somos filhos muito amados do Pai. Temos a mesma missão de Jesus! A nossa missão é mostrar, isto é, testemunhar o Amor do Pai por cada um de nós. Recebe-

mos esta missão com o «sopro» do Espírito Santo. É Ele que em nós grita «Abbá, Pai»; é Ele o orante em nós, mas Ele precisa de nós, precisa que abramos o coração para que a nossa vida seja um lugar de amor, de alegria e de paz.

TEMPO COMUM

Seg, 21 – SEMANA VII DO TEMPO COMUM

Tg 3, 13-18 / Slm 18 B (19 B), 8-10.15 / Mc 9, 14-19

... o espírito sacudiu fortemente o menino. (Evang.)

Também há espíritos (maus) mudos que nos agitam. As más inclinações. Muitas vezes, não se expressam por palavras. São sentimentos. Temos de batizar esses sentimentos, isto é, entregá-los ao cuidado do Espírito Santo. Mas isto seria só uma pia consideração se não soubéssemos como fazê-lo. É pedir ao Espírito Santo que venha sobre esses sentimentos e os transforme em sentimentos bons. O leitor tente isso.

Ter, 22 – SEMANA VII DO TEMPO COMUM

Tg 4, 1-10 / Slm 54 (55), 7-12.23 / Mc 9, 30-37

Tinham discutido qual deles era o maior. (Evang.)

Todos nós gostamos que nos deem importância. E se acharem que somos melhores que o vizinho não ficamos tristes. Para não nos compararmos é preciso uma grande satisfação connosco próprios. Essa satisfação vem de nos sabermos amados por Deus – de o nosso CORAÇÃO se sentir amado por Deus –, o que deriva de fazermos a vontade de Deus. (Se achamos que fazemos a vontade de Deus e não nos sentimos amados por Ele ficamos todos inchados.) Hoje, o leitor peça humildade a Deus e que lhe dê lucidez a propósito do seu egocentrismo.

Qua, 23 – SEMANA VII DO TEMPO COMUM

Tg 4, 13-17 / Slm 48 (49), 2-3.6-11 / Mc 9, 38-40

Quem sabe fazer o bem e não o faz, comete pecado. (1ª Leit.)

Será que conseguimos estar sempre a fazer o bem? Será que não temos de estar alguns períodos sem fazer nada? Claro que sim. Mas S. Tiago devia estar a referir-se ao aspeto geral, àquilo que os moralistas chamam a opção fundamental pelo bem ou pelo mal. Devemos sempre ter o bem no nosso coração, não escolher caminhos ínvios. O leitor peça essa graça. Mais a graça do progresso.

Qui, 24 – SEMANA VII DO TEMPO COMUM

Tg 5, 1-6 / Slm 48 (49), 14-20 / Mc 9, 41-50

Tende sal em vós mesmos. (Evang.)

O sal dá vida aos alimentos e na época de Jesus também servia para os conservar. Com sal dentro do nosso espírito, nós devemos conservar Jesus e dar vida à nossa vida espiritual. Também devemos salgar a vida dos nossos irmãos, dar-lhes vida. Mas com calma, com discernimento. Sal a mais, estraga. Ninguém está preparado para receber sal a mais. Na sua tarefa de salgar, o leitor peça respeito pelo outro.

Sex, 25 – SEMANA VII DO TEMPO COMUM

Tg 5, 9-12 / Slm 102 (103), 1-4.8-9.11-12 / Mc 10, 1-12

Quem repudiar a sua mulher e casar com outra, comete adultério contra a primeira. E se a mulher repudiar o seu marido e casar com outro, comete adultério. (Evang.)

Sabemos que este assunto é particularmente doloroso para milhares (milhões?) de católicos. O leitor peça por eles e para que o Espírito Santo continue a iluminar os bispos de todo o mundo.

Sáb, 26 – S. FILIPE NÉRI (Memória)

Tg 5, 13-20 / Slm 140 (141), 1-3.8 / Mc 10, 13-16

Dos que são como elas [as crianças] é o reino de Deus. (Evang.)

As crianças queriam aproximar-se de Jesus talvez para ver aquele que atraía multidões, talvez para O convidar para as suas brincadeiras. As crianças queriam ter com Jesus uma relação desinteressada. Gostavam d'Ele só porque gostavam d'Ele. É assim que devia ser a nossa relação. Sem estarmos sempre a pedir alguma coisa em troca.

Dom, 27 – Santíssima Trindade – Ano B

Deut 4, 32-34.39-40 / Slm 32 (33), 4-6.9.18-20.22 / Rom 8, 14-17 / Mt 28, 16-20

Hoje celebramos o mistério da Santíssima Trindade. Dizer que é um *mistério* não significa que se trata de uma coisa obscura, incompreensível ou, ainda pior, contrária à razão. Dizer que é um *mistério* significa que se trata de uma riqueza sem fim e que nunca poderemos abarcar plenamente. É um poço do qual poderemos sempre tirar mais água, que esta nunca se esgotará.

Nós professamos a fé num Deus Uno e Trino. Durante a história da Igreja, tentamos explicar este mistério de diversas formas. S. Patrício, na Irlanda, numa homilia deu o exemplo do trevo: é uma só planta, mas tem três folhas. Deus é um só Deus, mas tem três pessoas.

S. Basílio, um santo do século IV, deu a imagem da comunidade cristã primitiva de Jerusalém, tal com vem descrita no livro dos *Atos dos Apóstolos*, para exemplificar este mistério: eram muitos os cristãos membros da comunidade, mas todos viviam em perfeita unidade, de tal modo que a comunidade tinha «um só coração e uma só alma» (*At 4, 32*). Uma só comunidade e muitos membros. O Concílio Vaticano II, já no século XX, voltará a dar este mesmo exemplo, afirmando que a Igreja (unida) é imagem da Santíssima Trindade.

Santo Agostinho parte da certeza de que cada um de nós é imagem da Santíssima Trindade e explica que cada um de

nós, sendo uma única pessoa, tem três capacidades principais: a memória, a inteligência e a vontade. Ora, diz-nos Santo Agostinho que a *memória* é a imagem de Deus Pai, a *inteligência* é a imagem de Deus Filho e, por sua vez, a *vontade* corresponde ao Espírito Santo. Esta pode parecer uma reflexão demasiado teórica, mas o seu significado é claro: em Deus tudo aquilo que o Filho pensa é aquilo que o Pai pensa; aquilo que o Espírito quer é aquilo que o Pai quer. Estão plenamente unidos. Em nós, nem sempre a memória, a inteligência e a vontade estão plenamente unidas: muitas vezes, na vida, somos desafiados a construir uma memória que seja cada vez mais coerente com a Boa Nova para que, tendo a mentalidade de Cristo, a nossa inteligência e a nossa vontade a possam seguir. Quantas vezes decidimos com a nossa vontade, isto é, livremente, fazer alguma coisa e acabamos por fazer aquilo que

gostaríamos de não ter feito? Isto significa que, em nós, memória, inteligência e vontade ainda não estão plenamente unidas. Ainda há divisão dentro de nós.

A Santíssima Trindade é um mistério de união, mas da qual podemos encontrar reflexos dentro de nós. Não é meramente abstrata: este ideal de união pode ser transposto para as nossas vidas e para as nossas comunidades. O Evangelho deste domingo envia-nos a fazer discípulos. Isto não significa que temos de ir em primeiro lugar anunciar alguma teoria ou alguma moral especial, mas somos enviados, como irmãos e irmãs, a transmitir aos outros o poder que Jesus nos comunicou: o poder de escutar a Palavra e fazê-la frutificar na nossa vida. E o fruto principal da vida em Cristo, da vida no Espírito, da vida mergulhada no Pai é a união. Quanto mais formos de Deus, mais seremos um, como a Trindade é una.

Seg, 28 – SEMANA VIII DO TEMPO COMUM

1 Pe 1, 3-9 / Slm 110 (111), 1-2.5-6.9.10 / Mc 10, 17-27

Jesus Cristo, sendo rico, fez-Se pobre, para nos enriquecer na sua pobreza. (Refrão do Aleluia)

Jesus desceu até nós para que nós pudéssemos subir até Ele. Jesus como que nos veio buscar para o colo do Pai. Jesus é o caminho para o Pai, mas também nos exorta a termos uma relação direta com o Pai. Mas Jesus é que nos veio revelar o Pai. Fez-Se homem por isso. Fez-Se infinitamente pequeno – se comparado com a sua infinita majestade divina – para nos revelar que somos filhos de Deus. Aproveitemos essa revelação.

Ter, 29 – SEMANA VIII DO TEMPO COMUM

1 Pe 1, 10-16 / Slm 97 (98), 1-4 / Mc 10, 28-31

Receberá cem vezes mais. (Evang.)

Pedro chama a atenção de Jesus: «Nós» deixámos tudo para Te seguir. Parece-me estar implícito: «e, agora, que recompensa é que vamos ter?» Será que nós ainda estamos à espera de benesses, de vantagens sobre as outras pessoas por sermos cristãos? Nunca, nunca nos esqueçamos que somos cristãos PARA SERVIR. Não para metermos cunhas.

Qua, 30 – SEMANA VIII DO TEMPO COMUM

1 Pe 1, 18-25 / Slm 147, 12-15.19-20 / Mc 10, 32-45

... e dar-Lhe a morte. (Evang.)

Neste trecho do Evangelho de S. Marcos, Jesus diz que vai ser preso, escarnecido, cuspidado, açoitado e morto. Diz-nos o texto que os que estavam com Ele tinham medo. Mas não aparece ninguém preocupado com Jesus. O leitor preste muita atenção a isto: quando sofremos, viramo-nos para dentro. O leitor peça a graça de, quando sofre, manter a sua capacidade de amar.

Qui, 31 – Santíssimo Corpo e Sangue de Cristo – Ano B

Ex 24, 3-8 / Slm 115 (116), 12-13.15.16bc-18 / Hebr 9, 11-15 / Mc 14, 12-16.22-26

Hoje celebramos a solenidade do Santíssimo Corpo e Sangue de Cristo. É a festa do mistério

da Eucaristia. Para os não crentes, é muito difícil compreender como é que nós podemos

acreditar que num bocadinho de pão possa estar Deus. Ainda mais desconcertante é a nossa atitude diante desse bocadinho de pão: ajoelhamo-nos em adoração. Como é possível? Pelo sacramento da Eucaristia, acreditamos que não só o pão se transubstancia em Corpo de Cristo, mas também que o vinho se transubstancia em Sangue do Senhor.

O Pão e o Vinho atingem a sua plenitude como Corpo e Sangue do Senhor. Mas porque terá o Senhor escolhido logo o pão e o vinho? São símbolos da nossa vida quotidiana, são aquilo que na cultura hebraica havia de mais comum, de mais simples: o alimento e o trabalho necessários para ganhar a vida. No Pão e no Vinho, Corpo e Sangue do Senhor, santificamos a nossa vida quotidiana e somos santificados por ela. Deus é Aquele que Se faz próximo, que desde sempre e para sempre Se aproxima da nossa vida, da simplicidade do nosso quotidiano.

Não só o Pão e o Vinho chegam à sua plenitude na Eucaristia, mas também nós, aqueles que comungamos o seu Corpo e Sangue, somos levados à plenitude, ao cumprimento de tudo o que somos. Aquilo que somos realiza-se na Eucaristia. Precisamos de recordar sempre a riqueza do seu mistério: é tão importante não separar este sacramento da realização da nossa vida! É importante adorar o Pão e o Vinho, mas não basta! Comendo o Corpo do Senhor, bebendo o seu Sangue somos feitos naquilo que Ele é: realizamos a nossa existência.

A Eucaristia é a vida do Senhor que nos é oferecida! Ele fez-Se para nós comida e bebida, fármaco de imortalidade que nos cura daquilo que nos impede de viver uma vida abundante, livre, amante! O Senhor, por amor, faz-Se Pão para que tenhamos em nós a sua vida.